

Pituba – “uma cidade nova”

CONSULELO PONDÉ DE SENA

Gosto de cotejar o passado com o presente e descobrir as aneddotas formalizadas pelos antigos em relação aos dias futuros.

Assim é que tenho em mãos o manuscrito e o texto, este publicado em 1919, do Relatório assinado por Teodoro Sampaio para o projeto na Pituba, nos terrenos de propriedade do Sr. Manoel Dias da Silva.

É um estudo minucioso da região em que seria implantada “a cidade nova”, conforme a denomina aquele ilustre engenheiro civil, no mesmo documento.

Homem de múltiplos conhecimentos e interesses, Teodoro Sampaio, também geógrafo, dá início ao seu trabalho com a descrição do local, explicando-o pormenorizadamente, dizendo: “A antiga Pituba do nome de um pequeno ribeiro que aí deságua, fica a Oriente desta capital e dela distante 7 1/2 quilômetros pelo trajeto mais curto. Em relação aos bairros e povoados vizinhos, fica a Pituba, onde se projeta construir a nova Cidade Luz, a 2 km da Amaralina, 3 de Rio Vermelho, 3 de Brotas, 6 da Bolandeira ou Boca do Rio e 12 a Itapuã, cujo farol se divisa ao longe, na direção Leste”.

Trata, em seguida, do aspecto

físico da área, estendendo-se em considerações sobre os seus terrenos e suas águas, referindo-se às cinco lagoas ali existentes, sendo a maior delas a do Urubu, cujo desaguadouro afirmou ser o próprio córrego Pituba.

Reportando-se ao clima e aos ventos daquela área, informa contar com as vantagens do clima marítimo, sendo que sopram com nua frequência, nos meses de setembro a maio, os ventos Nordeste e Leste e de junho a agosto o Sudeste, em cuja última ocasião observa-se a elevação das águas do mar. Refere, ainda, ser a temperatura média local de 26° à sombra, sendo os grandes calores do verão mitigados pela variação aérea contínua.

Acentua a ocorrência de água abundante, facilmente encontrada no fundo das grotas e nos terrenos úmidos, na altitude de 2 para 3 metros.

O esquadrinhamento do terreno estabelecera, assim, a abertura de dez ruas longitudinais paralelas à linha da costa, algumas das quais seriam denominadas avenidas e quinze transversais perpendiculares às primeiras.

Ficou estabelecido, naquele documento de 1919, que o eixo principal do arruamento seria a avenida a ser denominada pelo nome do proprietário dos terre-

nos, no caso Manoel Dias da Silva.

Quanto à abertura de praças e jardins, ficou definido que seriam três praças, embora T. Sampaio tenha advogado a existência de mais uma. O grande jardim deveria ser denominado Itaipara, “por ficar-lhe em frente ao mar, o rochedo desse nome deveria ser o ponto mais atraente da “nova cidade”.

No extenso capítulo designado “Melhoramentos a introduzir”, destacam-se: a arborização das ruas, o asseio e a incineração de lixo, o cemitério, a olaria, o depósito de materiais, a exploração das águas do subsolo, meios de transporte, estação badear, capela nova e prédio escolar.

Pensando o Pituba naquele remoto ano de 1919, Teodoro Sampaio fala nos meios de transporte pelo sistema dos carris, preconizando o prolongamento de linha de bondes da Companhia Circular até o centro do novo “povoado” como de imperiosa necessidade. Entretanto, os bondes jamais alcançaram aquele bairro, nem a “linha costeira” bordejando a praia, por ele imaginada, jamais teve existência concreta.

Consuelo Pondé de Sena

é presidente do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia.